

Discurso por ocasião da cerimónia de tomada de posse dos novos órgãos sociais da Federação Académica do Porto (FAP)

Quinta-feira, 15 de Dezembro de 2011 – 17:00

Sala de Actos dos Serviços Centrais, Instituto Politécnico do Porto (IPP)

Numa circunstância normal começaria por agradecer ao presidente cessante. Hoje aqui posso poupar-vos a esse exercício; mas não posso deixar de agradecer aos dirigentes que este ano contribuíram para uma FAP de trabalho, de dedicação e de debate. Uma FAP que inovou em diversas áreas e descobriu outras na qual pode contribuir. Agradeço também aos que contribuíram este ano e que hoje renovam o compromisso com esta nossa academia. Agradeço também desde já aos novos membros na direcção da FAP por aceitarem o desafio, com as dificuldades, riscos, dedicação e abnegação que terão que demonstrar: e lembro-vos que para quem se disponibiliza para servir voluntariamente uma causa associativa “Parabéns!” significa sempre “Bom trabalho!”...

Para esta nova direcção digo sem receios publicamente o que acho que precisamos desde o primeiro momento: precisamos de ser coesos, dedicados, íntegros, determinados... O desafio é grande, mas acredito que não será maior do que a nossa vontade!

No fundo, e porque a FAP é feita de pessoas, são agradecimentos a quem fica por aqui para trilhar outros caminhos e desafios, agradecimentos a quem continua, e agradecimentos a quem se junta agora nesta aventura.

Queremos uma Direcção de uma FAP viva, reconhecida na Cidade e estimada no País. E construí-la-emos!

Para mim, pessoalmente, cresce a dificuldade: ao mesmo tempo que tenho que perspectivar um caminho de futuro, não posso deixar de o fazer olhando para o passado recente e analisando criticamente o que foi feito, de uma forma sintética. Alegrar-me com as conquistas e os sucessos sem me deixar acomodar com o já conseguido; aceitar humildemente as críticas e os insucessos sem que isso me desanime, mas antes enfrentando-os como motivação para agora fazer melhor e vencer esses obstáculos que me levaram de vencida na primeira vez...

O balanço do ano que passou não poderá nunca ser assim o fim de um capítulo, mas o tomar balanço para seguir em frente. 2011 foi um ano politicamente produtivo, no qual foram apresentados mais de duas dezenas de documentos políticos e pareceres de grande qualidade; mantivemos a FAP na vanguarda da discussão das políticas de ensino superior no movimento associativo nacional; foi um ano em que conseguimos uma maior proximidade às associações, em que demos um grande passo na comunicação para nos aproximarmos dos estudantes e da sociedade civil; mandato no qual o desporto foi uma aposta com muito bons resultados, aumentando de forma sustentada a prática desportiva. Tivemos mais de 2300 participantes em actividades desportivas, dos quais 1700 de forma regular. Obtivemos um estatuto estudante-atleta adequado às necessidades da comunidade estudantil e conseguimos garantir a organização de dois eventos internacionais de desporto universitário de grande relevo. No empreendedorismo demos passos arrojados mas muito certos: esta é uma área que temos de continuar a explorar e na qual a FAP tem um grande contributo a dar. Avançámos em políticas de responsabilidade social, motivámos o voluntariado e a FAP no Bairro avançou com sucesso.

Nas actividades académicas, demos um passo que há muito era falado e discutido. As noites de recepção ao caloiro, embora não tenham tido a adesão desejada, serão pelo menos marcadas pela coragem de inovar e tentar novas e diferentes actividades.

Mas vivemos também a tristeza de neste mandato termos sido marcados pelo falecimento do Dr. Diogo Vasconcelos. Foi um rude golpe no dia mesmo dia em em que celebraríamos o vigésimo segundo aniversário da FAP, o vigésimo segundo aniversário de um dos seus projectos... O Dr. Diogo Vasconcelos, pelo seu exemplo, pela sua visão, será sempre uma peça fundamental para a FAP.

Foi, é e será um exemplo de diálogo visão, empreendedorismo, responsabilidade social e futuro.

O seu legado é grande e cabe-nos estar à altura do que o nosso fundador nos deixou. E a primeira ideia a reter é que: «O presente é a hora de mudar o futuro!»

Neste final de ano temos um Portugal e uma Europa em suspenso. Enquanto as sociedades esperam dos líderes europeus decisões que decidam e que resolvam, em vez de protelar os problemas, os cidadãos sustêm a respiração, como quem espera que em breve a situação possa melhorar.

Enquanto se espera, temos vindo a descobrir novos furos para apertarmos velhos cintos e descobrimos que um futuro que se sonhava risonho e de crescimento económico não é o que encontraremos tão cedo. Pior que isso, corremos o risco de estarmos a formar uma geração descrente no futuro e nas suas capacidades. Uma geração que se vê com um diploma numa mão mas sem emprego e sem perspectiva de o ter. Temos um País que se vê a braços com diplomados de qualidade a procurarem oportunidades noutros países, simplesmente porque Portugal já não é capaz de lhes garantir um trabalho no qual possam garantir que por um lado podem contribuir para o futuro do país e por outro construírem o seu projecto de vida; ou onde não conseguem encontrar as condições para pelo menos criarem o seu próprio emprego...

Digo também que é necessário que os jovens portugueses sejam chamados a dar o seu contributo. E não entendam por isto que devemos ser chamados para sermos ouvidos. Não! Os jovens jamais devem ser encarados como um conselho consultivo da sociedade. Devem antes ter co-responsabilidades no momento de construir, para serem também co-responsabilizados na hora de avaliar. Só uma construção conjunta de um modelo de desenvolvimento da sociedade se traduzirá num sentimento de pertença e conseqüentemente numa maior participação. Devemos rejeitar, tal como muitas vezes acontece, que os menos capazes e competentes se apoiem mutuamente e em conjunto fechem as portas das estruturas sociais e políticas, com receio de perderem as regalias que têm como suas. Devemos mudar definitivamente para um modelo de exigência, participação, competência e meritocracia!

A Europa se encontra no fio da navalha, por falta de um envolvente programa em primeiro lugar social, em segundo lugar político, e só depois financeiro: eu acredito que neste contexto os jovens têm respostas a dar, pois fundamentalmente, não acredito que os problemas de hoje possam ser respondidos pelas só por pessoas de ontem, com as suas ideias de anteontem.

É preciso ir a um nível mais profundo para melhor percebermos as soluções que temos para oferecer, e principalmente como construímos tais soluções, com as quais possamos fazer as pessoas acreditarem e assumirem um outro nível de iniciativa e participação, fazer as pessoas cerrarem os dentes perante as dificuldades, e não baixarem os braços.

A educação e a formação têm de mudar. Continuamos em modelos de ensino demasiado rígidos. A palavra autonomia, seja nas universidades e politécnicos, seja nas escolas, é bem mais que um conjunto de 9 palavras. É a chave para uma evolução e um desenvolvimento curricular que se pode traduzir em melhorias na formação dos estudantes.

A criatividade intelectual não é promovida no nosso sistema de ensino, sendo necessário desatar estas amarras para que se possa maximizar o potencial de cada um. É urgente que adaptemos dentro do possível a educação e a formação às exigências, necessidades, potencialidades e interesses de cada estudante, que não são as de ontem ou de hoje, mas as de amanhã. Esta adaptação tem que se reflectir nos currículos em primeiro lugar, mas também nos métodos de avaliação. E também a avaliação docente deve ser repensada, garantindo um maior peso à componente de ensino, e em particular aos resultados dos inquéritos pedagógicos.

A inovação na estrutura curricular, que centre efectivamente o ensino no estudante, possibilita o desenvolvimento de novas competências nos estudantes. O trabalho individual e em grupo, que promova a iniciativa e uma atitude empreendedora, que promove a criatividade e a curiosidade são o caminho para diplomados com mais competências e com mais conhecimento. Devemos garantir que os estudantes conseguem elevar os seus níveis de produtividade e de motivação, sendo inquestionável que estudantes motivados e que acreditam no trabalho que desenvolvem e na estrutura curricular dos seus ciclos de estudos são mais bem-sucedidos e estarão também muito melhor preparados para o futuro.

A tríade financiamento-autonomia-avaliação representa um caminho que devemos procurar seguir, pois uma vez garantido o financiamento e a autonomia às Instituições de Ensino Superior estas poderão desenvolver os seus projectos de formação, com ideias, organização e actividades próprias; actividades que simultaneamente sejam exigentemente avaliadas e comparadas com as congéneres nacionais e estrangeiras, para que sejam identificadas as melhores práticas, e posteriormente replicadas. O financiamento das Instituições de Ensino Superior deve também ser feito com base em critérios claros, públicos, objectivos e mensuráveis. É

urgente esta definição, que — recorde! — não será mais do que dar cumprimento à legislação em vigor.

De facto, e como nos diz Roosevelt, que como poucos soube o que é uma grave crise económica, «*a educação é a última despesa sobre a qual os estados deveriam estar disponíveis para poupar*».

Numa região Norte onde o desemprego jovem é superior a 20%, a formação superior e a promoção do emprego qualificado é a única saída. Contudo, para estudarem muitos estudantes necessitam de um forte auxílio: não para que sejam privilegiados, mas para que partam de uma igualdade de oportunidades! Há quem lhe chame despesa com a acção social, eu chamo-lhe um investimento no futuro. A Acção Social é o sistema que, actualmente, permite a muitas dezenas de milhar de estudantes valorizarem-se através da obtenção de um grau no ensino superior português. É um mecanismo potenciador da mobilidade social, para que imensos jovens possam ter um futuro mais promissor, e mais do que isso, é um instrumento de equidade e justiça social! O único critério diferenciador na educação e no ensino superior em Portugal deveria ser o mérito! Nunca as condições sócio-económicas e familiares dos estudantes!...

Não é possível esconder: as bolsas de estudo continuam a chegar tarde e a más horas. Continuam estudantes a passar dificuldades e continuam estudantes a não ter condições económicas para frequentar o ensino superior; muitos endividam-se a longo prazo com empréstimos para obterem uma formação que lhes devia ser facultada por a ela terem direito! Os problemas com a acção social arrastam-se há tempo demais! E têm sido demasiadas as desculpas para tantos atrasos.

É inconcebível que ano após ano após ano continuemos com este tipo de atrasos, num paradigma em que cada agente parece mais preocupado em

desresponsabilizar-se do que em resolver a sua parte do problema. Aqui, não temos tido medo de pedir responsabilidades e alterações que acreditamos que se traduzirão inevitavelmente em melhorias. E assim a FAP continuará!

Numa breve referência à rede de ensino superior, bem sabemos, muitos de nós, como a FAP tem estado também aqui na linha da frente do debate e da procura de soluções. Temos um emaranhado de instituições fruto de um crescimento importante mas desorganizado em décadas passadas, e urge agir. Há cursos sem qualidade que têm que fechar, mas há também instituições que elas próprias não têm a qualidade que lhes deve ser exigida. Contudo não pensem os mais distraídos que apontamos num caminho de diminuição de vagas. Não. As vagas devem ser, isso sim, concentradas nas instituições de melhor qualidade de formação, pois sabemos que aí os recursos estão a ser melhor aplicados, transferindo mais recursos disponíveis para estas. Discordamos que a tutela fique à espera de que as instituições se reformem por si. É preciso delinear uma estratégia nacional de racionalização da rede e ter a coragem de a pôr em prática.

Não pensem em momento algum que o movimento associativo estudantil só quer ou só está preparado para discutir acção social, ou este ou aquele problem mais chão dos estudantes. Exigimos ser encarados como um agente capaz e responsável de discutir todo o sistema. Não aceitamos ser um qualquer conselho consultivo.

Queremos que 2012 seja um ano de coragem. Um ano em que não vamos encarar nós como respostas. Um ano em que sabemos que a FAP precisa de uma comunidade estudantil activa, interventiva e principalmente colaborativa. Para 2012 bom não basta: temos de dar mais e exigir o melhor de cada um de nós.

E é este desafio que aqui abraçamos hoje, nós, FAP — é o desafio de elevar a Federação que nos une e representa. Uma federação que congrega vontades de 27 associações de estudantes. 27 associações com ideias próprias e 27 associações com

trabalho feito, mas principalmente 27 associações ainda com muito para mostrar e com muito com que contribuir para a sociedade comum. A responsabilidade é grande porque, afinal, temos conseguido trabalhar em conjunto e defender posições concertadas. O trabalho é feito em casa, e os resultados estão à vista. Somos sem margem para dúvidas uma academia de referência a nível nacional a todos os níveis, mas no associativismo creio que vamos ainda mais longe.

Queremos uma FAP sem medo de errar, capaz de assumir riscos calculados e que se otimiza para um futuro em que se quer liberta de amarras de todo o tipo.

É pelos estudantes que cá estamos, e é por uma Prioridade na Educação que trabalhamos. E em 2012, da nossa parte, estejam certos de que assim será!

Muito obrigado pela vossa presença. Conto com todos porque, como nos ensinou o Dr. Diogo Vasconcelos... «o presente é o momento de mudar o futuro»!

Viva a Academia do Porto!

Viva a Federação Académica do Porto!